



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA

SÍNTESE DE CONJUNTURA

Abril 2016

SUMÁRIO

A evolução dos indicadores de clima em Portugal mostra alguma indefinição em relação ao andamento da economia portuguesa no 1º trimestre de 2016, mas esteve melhor que os correspondentes indicadores para a Área Euro, caracterizados por uma descida.

O indicador de tendência da actividade global calculado pelo ISEG decresceu em janeiro e fevereiro apontando para um crescimento homólogo do PIB inferior ao do 4º trimestre de 2015.

Com a informação disponível ainda incompleta, estima-se que, no 1º trimestre de 2016, o PIB tenha crescido 1,1% em termos homólogos e 0,3% em relação ao trimestre anterior.

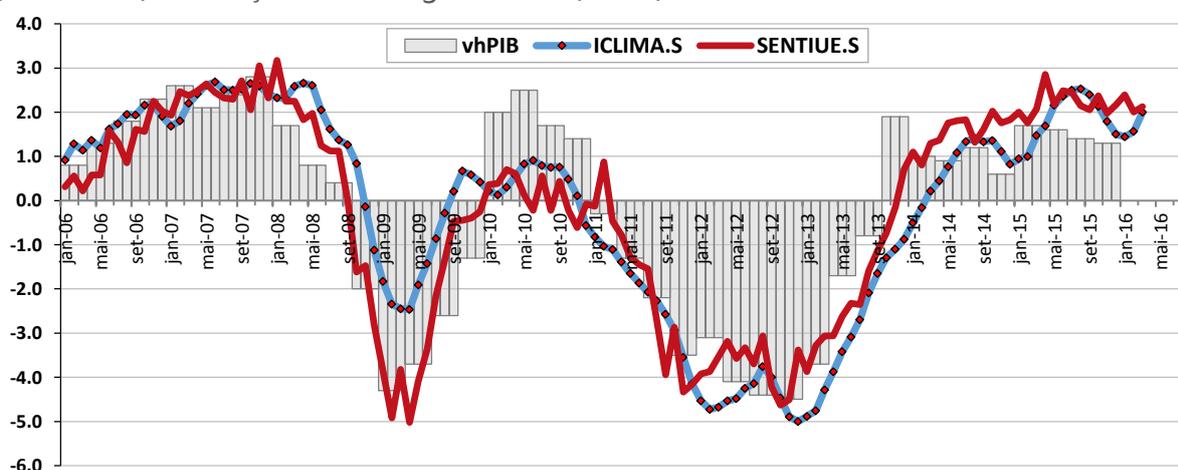
1. CONFIANÇA E CLIMA ECONÓMICO - INQUÉRITOS DE CONJUNTURA EM FEVEREIRO

Em março, ver gráfico 1, o indicador de Sentimento Económico para Portugal (SENTIUE.S, EUROSTAT) subiu em relação ao mês anterior ¹. Como se pode ver no mesmo gráfico, este indicador tem oscilado desde há um ano, permanecendo, em média, relativamente estagnado. No mesmo mês, o indicador de Clima Económico do Instituto Nacional de Estatística (ICLIMA.S, INE), tendo por base informação com maior atraso médio - meses de janeiro a março -, subiu de forma mais pronunciada, recuperando parte da queda registada nos últimos meses do ano anterior. Em relação ao histórico desde 2006, o nível dos dois indicadores aproxima-se dos níveis anteriores à crise de 2008.

Por sectores de actividade económica, focando exclusivamente as opiniões recolhidas no mês de março e usando dados corrigidos de sazonalidade, verificamos que, com a excepção da indústria, se registou uma subida dos indicadores de confiança (construção, comércio a retalho e serviços). Em relação aos consumidores, o respetivo indicador de confiança, depois de um decréscimo acentuado em fevereiro, recuperou em março.

Mais negativa tem sido a evolução dos indicadores de Sentimento Económico para o conjunto da Área EURO(AE19) e para a EU28: decrescem desde o início do ano e voltaram a decrescer em março. Os indicadores de confiança dos consumidores (AE e EU28) também apresentam a mesma evolução. Assim, pode concluir-se que, neste primeiro trimestre de 2016, a evolução destes indicadores tem sido menos negativa em Portugal do que na AE19 ou EU28.

Gráfico 1| Indicadores de Clima Económico (ICLIMA.S) e Sentimento Económico (SENTIUE.S) e variações homólogas do PIB (vhPIB) ¹



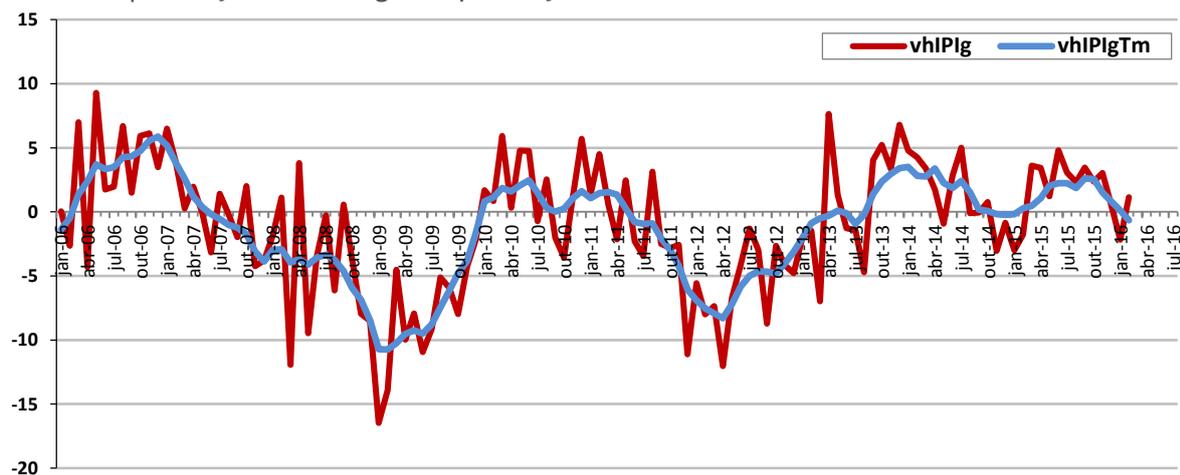
Em relação aos indicadores quantitativos, cuja mais recente informação disponível não vai, na maioria, além de fevereiro, mostram, como veremos seguidamente, evoluções tendenciais diferentes.

¹ Os valores dos indicadores foram ajustados à média e desvio padrão das variações homólogas do PIB (vhPIB).

2. PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Em fevereiro, com mais um dia útil, o Índice de Produção Industrial registou uma variação homóloga de 1,1% (valores brutos, série vhlPIg no gráfico 2; a variação na indústria transformadora foi de 0,8%). Corrigindo os efeitos de calendário, a tendência estimada (vhlPIgTm) mostra variações homólogas ligeiramente negativas que reflectem o abrandamento da produção no período de dezembro a fevereiro.

Gráfico 2 | Variação homóloga da produção industrial

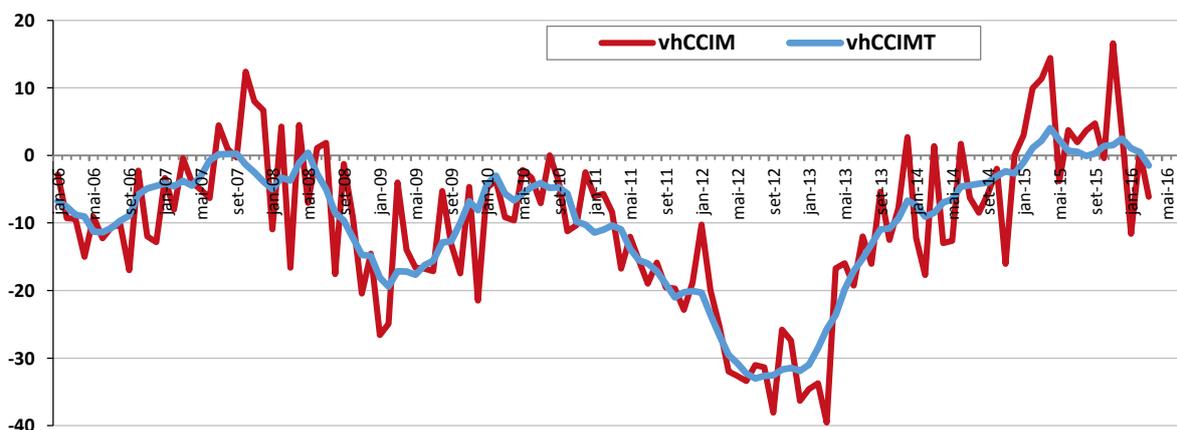


No mesmo mês o Índice de Volume de Negócios na Indústria (série nominal) apresentou uma variação homóloga de -1,9%, com -2,0% no mercado nacional e -1,9% no mercado externo. A evolução deste indicador nominal voltou a ser penalizada pelo volume de negócios do agrupamento “Energia”, ou seja, pela queda homóloga do preço do petróleo bruto.

3. CONSUMO DE CIMENTO E ACTIVIDADE NA CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Em março, a variação homóloga nas vendas de cimento foi negativa (-6%). A variação homóloga acumulada do 1º trimestre também foi negativa e de -6,0%, evolução que inverte o crescimento do ano anterior. Parte desta queda pode ser atribuída à ocorrência de chuva acima da média do período, mas não tudo, pois no final do período as variações homólogas na tendência estimada - depois de corrigidos efeitos sazonais, de calendário e climáticos, vhlCCIMT, no gráfico 3 - tinham-se tornado ligeiramente negativas.

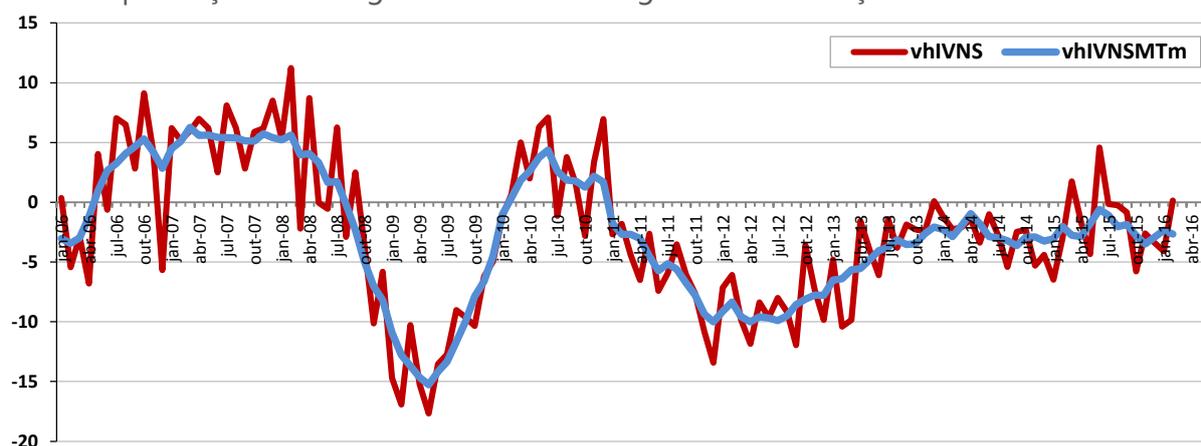
Gráfico 3 | Variação homóloga do consumo de cimento



4. VOLUME DE NEGÓCIOS NOS SERVIÇOS

Em fevereiro, com mais um dia útil, o Índice de Volume de Negócios nos Serviços (série nominal) apresentou uma variação homóloga de 0,1% (série *vhIVNS*, gráfico 4, dados brutos). As variações homólogas na tendência estimada (*vhIVNSMTm*, corrigidas de efeitos de calendário e sazonalidade, gráfico 5) apresentam valores menos negativos do que no último trimestre de 2015.

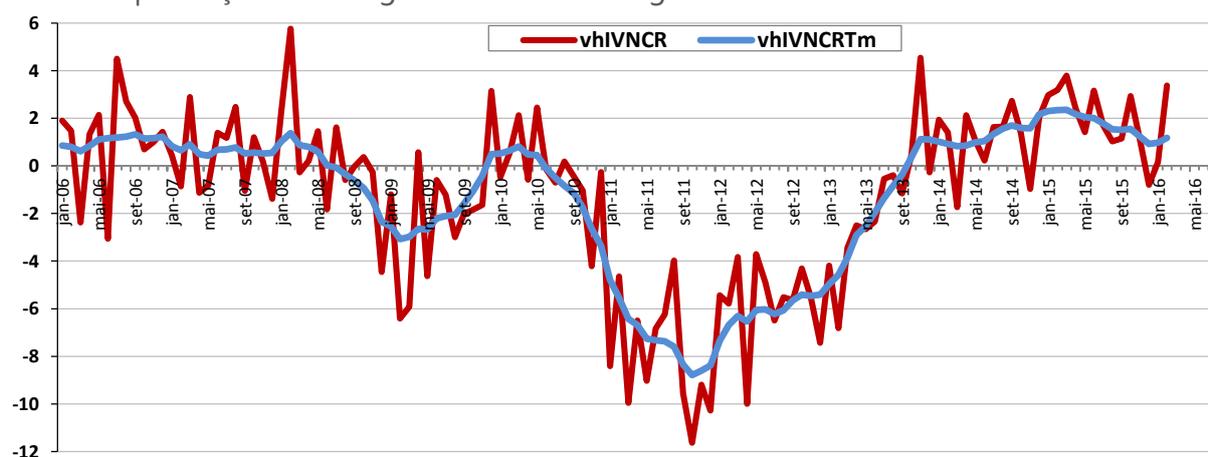
Gráfico 4| Variação homóloga do volume de negócios nos serviços



5. VOLUME DE NEGÓCIOS NO COMÉRCIO A RETALHO

Em fevereiro, com mais um dia homólogo, o Índice de Volume de Negócios no Comércio a Retalho registou uma variação homóloga de 3,4% (gráfico 5, valores brutos, deflacionados). Em tendência, a taxa de variação homóloga (*vhIVNCRm*) recuperou para valores acima de 1%. O agrupamento dos *produtos alimentares* voltou a crescer mais do que o agrupamento dos *produtos não alimentares*, o que inverte a relação observada no ano anterior.

Gráfico 5 | Variação homóloga do volume de negócios no comércio a retalho



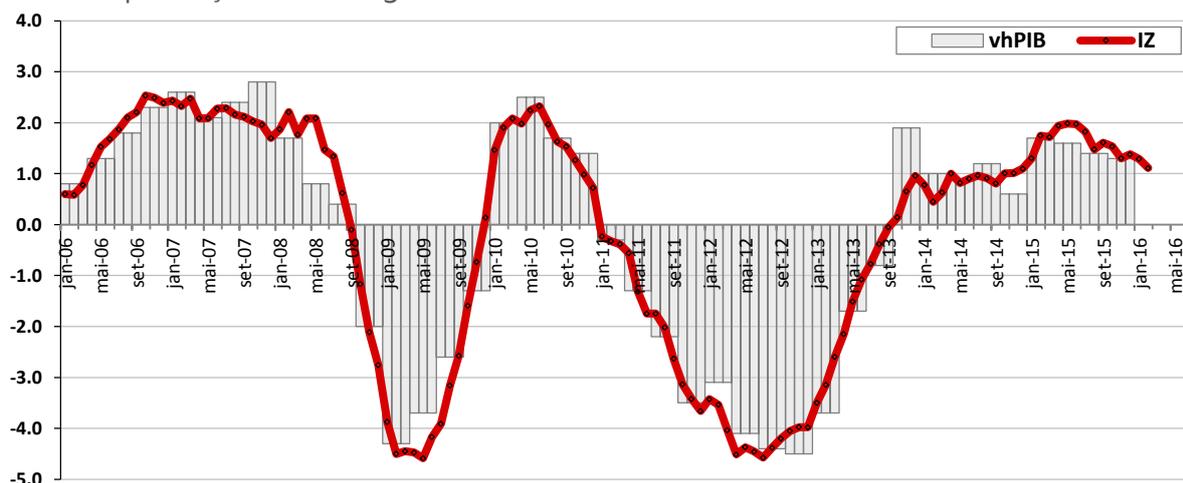
No domínio das vendas de automóveis ligeiros de passageiros registou-se um crescimento homólogo de 31,6% em março e de 26,3% no 1º trimestre de 2016 (13,6% no 4º trimestre de 2015). Este crescimento inclui consumo por antecipação à subida do imposto automóvel inscrita no Orçamento de Estado de 2016.

6. EVOLUÇÃO DO INDICADOR DE TENDÊNCIA

Como se pode ver no gráfico 6, em resultado da evolução dos indicadores quantitativos setoriais o indicador de tendência da atividade global (IZ) decresceu em janeiro e em fevereiro. Por setores, como vimos atrás, regista-se, nos dois primeiros meses do ano, e comparativamente ao último trimestre de 2015, uma evolução menos positiva na produção industrial e na construção e melhores resultados no volume de negócios do comércio a retalho e dos serviços.

Relativamente ao comércio externo de bens os resultados de janeiro e fevereiro apresentam-se mais desfavoráveis do que no último trimestre de 2015, tendo-se agravado o saldo comercial nominal, apesar de ter continuado favorável a evolução do preço do agrupamento dos *combustíveis e lubrificantes*. De facto, com ou sem esta categoria, as exportações cresceram pouco (devido, sobretudo, à queda dos mercados Extra-EU). As importações cresceram bastante mais, em particular devido ao forte crescimento do agrupamento do material de transporte. Este será sobretudo um aspecto específico deste 1º trimestre devido à já referida procura automóvel antecipada que se registou neste primeiro trimestre.

Gráfico 6| Variações homólogas do PIB e do indicador de tendência IZ



Num trimestre atípico, influenciado por acontecimentos particulares, deteta-se um crescimento homólogo mais forte do consumo privado, menor formação bruta de capital fixo (mais material de transporte, mas menos construção) e um contributo mais negativo da procura externa líquida. O impacto final sobre o crescimento do PIB apresenta-se tendencialmente inferior ao do trimestre anterior. Por isso, com a ressalva da informação trimestral ainda não estar completa no que se refere a março, estima-se, recorrendo aos indicadores apresentados, que no 1º trimestre de 2016 o PIB poderá ter crescido 1,1% em termos homólogos e 0,3% em cadeia.

Elaborado com informação disponível até 14 de abril.

graec@iseg.ulisboa.pt